

# Miguel Ângelo – “É preciso que as pessoas lutem diariamente pelos seus direitos”

written by Abílio Ribeiro | 27 de Março, 2024



Numa breve conversa com O CIDADÃO, Miguel Ângelo promete um espetáculo repleto de “*canções que resistiram ao tempo*”. A passagem pelo Festival da Canção (1985), a evolução do digital e até o serviço militar são alguns dos temas abordados pelo vocalista que, sempre que pode, participa em atos de cidadania – alguns mesmo “*por opção, perdendo boas oportunidades profissionais*”, diz.

Integraste os Delfins aos 16 anos e, durante a gravação do primeiro álbum, a banda ainda não tinha nome. Quando surgiu a possibilidade de se chamarem “Cavalos Marinhos”?

***Foi aquando da gravação do primeiro single, em 1984. Ainda procurávamos um nome que espelhasse uma atitude e uma composição mais pop, que resolvemos adotar e perseguir. Eu, pessoalmente, queria um nome mais curto do que “Cavalos***

***Marinhos"! Acabámos por ir para outra espécie marinha...***

Em 1985, participaram no Festival da Canção e ficaram em último lugar. Que lição retiraram desta experiência? Arrependeram-se?

***Não. Quando se tomou aquela atitude de participar [com o tema "A Casa da Praia"], que encerrava alguma subversão, vai-se à guerra e tenta-se nunca a perder. Foi o que fizemos ao embandeirar em arco o último lugar – e que, para nós, que não nos identificávamos com o Festival da Canção daqueles tempos, era o primeiro.***

Os Delfins celebram 40 anos de carreira. Qual o segredo para alcançar esta longevidade?

***Os Delfins celebram a 6 de abril deste ano, no Meu Arena, os seus 40 de canções. E é isso mesmo, canções. São elas que resistiram ao tempo e que continuam a passar nas rádios, com muitas pessoas a quererem ouvi-las. A canções encerram esse segredo...***

Escolheste a música em detrimento da arquitetura. Consideras que poderias ter sido um arquiteto bem-sucedido e feliz?

***Sim, penso que sim. Mas houve que optar e, dada altura, escolhi aquilo que já tinha escolhido antes da arquitetura.***

Estamos auge do "streaming" e do digital. Esta evolução alterou quer a forma de fazer música, quer a maneira de ganhar dinheiro?

***De fazer talvez, formalmente. Por exemplo, o TikTok veio reduzir a duração dos novos singles da pop para pouco mais de dois minutos... Quanto à parte económica: na realidade, em Portugal, e devido à dimensão do nosso mercado, os espetáculos ao vivo sempre foram o pilar fundamental para alcançar o profissionalismo.***

Não foste à tropa, já que recorreste ao estatuto de objetor de consciência. O regresso do serviço militar obrigatório é um assunto em voga por estes dias. Achas que é o caminho

acertado?

***Será um retrocesso civilizacional se isso acontecer! Estarei na primeira linha para defender o oposto, como já o fiz no passado.***

Apresentaste o “Cantigas da Rua” (SIC). Não foi demasiada exposição, tendo em conta que, na altura, havia a ideia de que apresentadores de programas de talentos não eram para ser levados a sério?

***Correm-se sempre riscos, num país pequeno. Mas sempre achei que os músicos eram prejudicados nessa exposição comparando, por exemplo, com os atores. Estava a cumprir um papel num programa que tinha quase 3 milhões de pessoas a vê-lo, na altura. E sem concessões.***

Nas últimas eleições, fizeste uso do teu direito ao voto?

***Votei, sim. É, de facto, um direito. Mas depois é preciso que as pessoas lutem diariamente pelos seus direitos. Ou contra quem os quiser limitar, esteja ou não no poder.***

Procuras ser um cidadão participativo? Como exerces a tua cidadania?

***Ao longo dos tempos é algo que tento cumprir, quer por convites – a maior parte –, quer por iniciativa própria. E às vezes por opção, perdendo algumas boas oportunidades profissionais... Mas isso fica com cada um e com as respetivas consciências. Cada vez mais julgo que o ser humano não vive tempo suficiente para se aperfeiçoar, numa lógica humanista, e proporcionar a si e aos outros liberdade e a solidariedade.***